

AS HORAS

Joseana Paganine

A beleza tem apenas uma origem: a ferida, singular, diferente para cada um, oculta ou visível, que o indivíduo preserva e para onde se retira, quando quer deixar o mundo para uma solidão temporária, porém profunda.

Jean Genet

*Eu não pinto o ser. Eu pinto a passagem.
E minha hora adapta-se à hora.*

Montaigne

I

O QUE HÁ entre mim e o abismo?

Apenas duas mãos manchadas de nuvens.

II

RETORNAR. Retornar para onde? Minha casa é lugar algum e a tua se fechou para mim como se escondem os dias nublados. Hoje é uma tarde de sol, mas este sol não me pertence, pertence a quem tem sonhos para dispor à mesa e servir com um vinho translúcido. Meu vinho é turvo. Não posso servi-lo. Será que a solidão vai conseguir purificar-me? “Em nenhum lugar se fecha o círculo”. Há tanto tempo entre mim mesma! Mas resta sempre um sonho perdido, esses sonhos sem esperança, que, no entanto, ainda existem, incomodando no peito como uma chaga, a qual se deve cuidar sempre, até o fim da vida, para que ela não arrebente antes que arrebente o resto do corpo. Serás para mim agora um sonho perdido, que vou cuidar até que meu corpo arrebente.

III

ENCONTRAR-ME onde não estou. A solidão não passa dois dias sem me visitar. Chega vestida com em um amplo vestido branco no qual me aninho como nos lençóis da primeira infância. Eu quero a solidão.

Quero-a intensamente para não mais desejá-la, para depois fundir-me no outro que não sou eu.

Meu nome é aquele que finjo na tarde cálida. Há um texto que brota do crepúsculo como uma rosa mal desejada, pedindo palavras e sentidos que não posso dar. Sou outra que vive fora de mim e às vezes me trespassa com aroma de narciso. A moça que atravessa a rua finge não perceber que sou ela. E também a outra de saia vermelha e amplos quadris. Afundar no que sou para não ser mais. Ser apenas o jogo e jogá-lo dia após dia.

Trago nas mãos um antigo retrato de homem. Ele me olha com olhar de eternidade. Rasgo-o desfazendo-me em pequenos pedaços que se dispersam com o vento. Agora, um sopro de nada me acalenta.

Há uma história que precisa ser escrita. Uma história de tempo e de não, que cai infinitamente no abismo que tenho sob os pés. A mulher me olha com olhos de gata. Está morta e linda, como só podem ser as ilusões.

IV

DOCE e morno. Nada se igualará ao desejo de juventude.

Procuro aquele que se perdeu há tanto pelas ruas da cidade. Cada esquina me certifica de que nunca o acharei. Ele se perdeu nas muitas voltas que dei sobre mim mesma, como uma serpente que busca abrigo. Meu abrigo é o silêncio, atordoado de memória e melancolia.

Quero o desejo morno e persistente, tempo tragado pelo correr das horas. Ai, como é deliciosamente dolorosa a solidão.

V

DEPOIS de um dia ou dois. Lá estava eu, apenas sentada, quando o Destino se materializou à minha frente. Vinha com um olhar lânguido de eternidade, de quem viveu e agora só assiste. E eu? Fiquei pequenininha, esperando minhas veias estourarem entre um copo e outro, entre um rio e outro, até a ânsia transbordar em vômito, vômito de mim e das minhas horas perdidas em

esperança. Oh, Destino que me roubou o desejo, derreta essa lâmina que me corrói o ventre, ou então passe a faca afiada entre meus lábios e me deixe provar o gosto do meu próprio sangue (que sei salgado como o mar tranqüilo e escuro como o mar revolto). Agora, minha solidão está vazia, inútil. Vou preenchê-la com palavras, palavras, palavras, até recuperar o sentido que me caiu do bolso tal um lenço, sem que eu desse por isso.

VI

HÁ UMA HORA em que devem sair os monstros de todos os rios, para depois caminhar por entre as gentes, despercebido. Desaperceber-se de si mesmo, de sua própria monstruosidade, é o objetivo de não se estar só.

VII

A MOÇA que passa antes do nascer da palavra, do instante que desperta o sentido. Tem olhos, apenas. Caminha com os olhos e é olhada enquanto caminha rumo à praia de Copacabana. A cidade é ainda pequena, é possível os grandes se cruzarem.

VIII

O MOMENTO é aquele que se apresenta à hora em que vejo. Vejo mais do que posso entender. Estou perdida no que não fui, no mais que sonhei. Sou tão pequena que posso me pegar no colo e soltar em um campo para voar ao vento. A realidade me fascina e me sufoca. Tenho tantas palavras para dizer, por isso não digo nada. Calo-me. Calo-me diante do instante que não pode ser dito. Sufoco à espera da espera da espera. Aonde vou é o meu ir. Quero ir para ir para ir. E nada pode me parar. Escapo por entre pernas e a única forma de existir é existir mais do que a realidade. É transformar-me em outro, fictício, dizer o que não digo pelas palavras de outro. Estou pensando.

IX

ELE não partiu como partiam os navios, quando os olhos podiam acompanhar o último sinal se perder no horizonte. Está na cidade e não houve sequer um adeus, e talvez nunca haja, talvez reste apenas a melancolia. A cidade é o meu tormento, odeio-a porque nem ao menos me deu

o mar. Passei o dia como os dias passam. Assim, sem dar por mim mais do que ter um corpo e me mover e falar. Que me importa em qual esquina ele dobrou, em que rua se perdeu? Ele não escolheu o mar.

X

O CASAL dança. Eles sou eu. Sou os dois. E não há entre mim e mim mais que o silêncio, esse sussurrar de vozes noturnas. Olho-os com os olhos de quem olha. De quem é capaz de transformar-se em coisa, apenas um corpo, matéria desde sempre morta. E que na morte existe, plena, no não ser nada e por isso tudo, apenas coisa.

Só sei me confessar mentindo.

XI

QUANDO a palavra falha e não há mais nada além de um estremecer, fulminante e fugaz.

XII

MINHA VIDA me é tão estranha quanto me é a do jovem que cruza agora a rua. Sigo-o com os olhos e imagino que ele pode ser eu e eu, ele, sem que ambos saibamos disto. Busco intensamente o sofrimento, antitédio mais ao alcance do que o prazer.

XIII

FOI NAQUELA TARDE que o vaso caiu e se partiu ao chão. Desde então - faz tanto tempo! mais tempo do que os anos que se passaram - piso sobre cacos que me sangram os pés.

Houve uma tarde em que não senti desejo. É quando todos trabalham e o sol começa a se dirigir ao horizonte, anunciando a noite, que melhor me entrego. Mas houve a tarde em que as portas se fecharam, o sol cruzou a tênue linha entre o céu e a terra, e só me restou a noite. À noite, a carne é pérfida.

XIV

O ESPAÇO, o espaço líquido. Qual o mar mais profundo. Abaixo de camadas e camadas de água. Sob o silêncio que torna todo movimento lentamente pesado. E o corpo leve. Êxtase.

XV

O PASSADO é um mundo que corre subterrâneo aos homens. Pisamos sobre lembranças e esquecimento. Um magma desconhecido que nos fez germinar e nos alimenta, ainda que não saibamos disso.

Por vezes posso sentir esse magma em minhas veias, negro e borbulhante, mas não posso definir sua matéria. Há nomes que vão aos poucos se perdendo no tempo, e vidas desconhecidas, mas que sei tão semelhantes à minha que descubro a memória de amores, alegrias e sofrimentos que não vivi.

Poucas coisas são mais tristes do que uma história não contada, do que uma história para sempre presa à terra, mais triste do que a morte em si. Somos mortais, a vida é fiel à morte. Mas as histórias podem existir além de nós. Saber esquecer é necessário à sobrevivência. Saber contar é um gesto de heroísmo.

XVI

VENHA, meu amor, me resgatar de todo pesadelo, não sou tão forte assim, me conduzir ao paraíso dos teus braços, onde tantas vezes me esqueci, me entreguei, confiante na tua promessa de prazer, quantos soluços e gemidos te ofereci, e me deste de volta a vida, tão brilhante que o sol não era senão o reflexo de tua luz, me diga que o mal não existe, que somos ainda aqueles que se encontraram pelo caminho em busca de beleza e alegria, que o tempo não existe, nem passado, nem futuro, apenas nós, dois corpos a transformar em gozo a ameaça da morte, e morrendo deliciosamente um no outro, não me diga que a vida é apenas sonho.

XVII

ELE me ofereceu a casa e eu me consagrei a ela.

Não há fuga.

Meu corpo agora é todo corredores,

labirintos onde me perco,

ruínas das horas futuras.

A cama está cravejada de conchas.

Elas me sulcam a carne e trazem a sombra do mar.

Deito-me sobre a lápide de areia,
que grita um grito de pedra: “Ana, Ana, Ana”.
Tudo é leve e profundo
— portas abertas para a memória,
travas amargas do sonho.
Ele me olha.
Estou nua.
Tenho a pele de luz azul e difusa
como a refletida pelas águas.
Sinto desejo.
Mas a casa está ali.
Com suas paredes voláteis,
e a solidez do tempo.

XVIII

QUE GRANDE DESEJO de abismo! Descer ao mais pérfido de mim. Lá onde minha alma se confunde com as entranhas, onde sou tão má e suja e leviana que alcanço o prazer puro, tão mais cristalino e brilhante quanto mais obscuro. Minha obscuridade, a trago de infância.

XIX

INFELIZ costela. A consciência dolorosa de ser apenas parte, pedaço mutilado, um vácuo, um oco ecoando no corpo e na História. Ser ausência, naco rejeitado de carne e osso entre o homem e o filho.

XX

AS PALAVRAS escorrem por minhas mãos como água salobra. Quero um rio de palavras doces e tranquilas capaz de saciar minha sede.

XXI

DOÇURA da fumaça a entrar nos pulmões, abrindo os alvéolos, alvos contornos de nada a espriar-se pelo ar. A mente rende-se ao jogo, entregando o corpo àquele que passa e deve passar tão rápido quanto a fumaça a espriar-se.

XXII

DESCER pelo corpo adolescente

— macho e fêmea em violenta florescência —

como uma lesma a deixar seu rastro de saliva e sede,

saciar a língua entre os parques pêlos,

promover a lânguida desordem entre respiração e músculos,

colher o botão,

ceifar o broto.

XXIII

VERSINHOS infantis *ou*

Poema para um suicida *ou*

Para uma menina, com uma flor

A Flor mirou o abismo

E pediu para não pular.

Mas a Vertigem quer

Dar filhos à Morte

E empurrou a Flor para o mar.

No mar, então,

nasceram patas de elefantes

Que correm sempre quando some

a última estrela da aurora.

XXIV

CARÍSSIMO,

Restituo-te à Liberdade, no leito de quem te encontrei um dia. Era com ela que vivias e foi a ela que abandonaste ao me conhecer. Antes, compartilhavas com a Liberdade o riso e a alegria de amores que apenas tocam a superfície das águas. A inconstância era o tributo a pagar pela permanente traição que o corpo impõe aos Ideais. Constante apenas a indolente espera do caçador que imagina a presa fácil e de morte certa, que antecipa o prazer da mesa farta e abençoada de todo dia, que sabe de cor o aroma e tremor da carne fresca ao ser abatida em cada novo sacrifício.

Então, um dia foi meu dia de presa a ser sacrificada sobre o altar da carne. Sinto. Não se caça impunemente para toda a eternidade. Sempre há de haver uma hora em que o Destino ou o Acaso ou a Natureza ou o Caos ou o Cosmos ou ainda o Grande Bezerro de Ouro — use o nome que preferir — se manifeste a cada ser, colocando-o diante daquilo ou daquele que o fará perder-se. Depois, os papéis de vítima e algoz deixam de fazer sentido. O Mistério é o verdadeiro inimigo da Liberdade. Depois de tê-lo experimentado, os ardis da Liberdade não passam de jogos infantis, um cabra-cega jogado por crianças que têm medo do escuro. Por isso, a Liberdade é aliada da Razão. Ao invés do altar, o Imponderável abriu sob nossos pés um delicioso e perverso abismo no qual estivemos caindo. Amar é abismar-se.

Juntos, mergulhamos um ao outro em águas profundas e turvas. Não há como sair. Mesmo que o tempo seque essas águas, somos agora seres para sempre submersos. Restituo-te à Liberdade, mas tu não a conhecerás mais com a leveza com que ela se apresentara um dia. A Liberdade agora é apenas mais uma liberdade, ordinária e cotidiana, martírio a que estamos nós, os decaídos, condenados.

Joseana Paganine

Possui graduação em Publicidade e Propaganda pela Universidade de Brasília (1992), graduação em Jornalismo pela Universidade de Brasília (1994) e graduação em Teoria, Crítica e História da Arte pela mesma Universidade (2017). É mestre em Teoria Literária pela Universidade de Brasília (2000) e possui especialização em Filosofia pela mesma Universidade (2010). Desenvolve pesquisa na área de Literatura, Artes e Filosofia, com ênfase em crítica e história da arte, teoria literária, estética e hermenêutica filosófica. Na área de Comunicação, atua especialmente no campo do Jornalismo. É autora do livro *O engajamento poético 'A hora da estrela', de Clarice Lispector, e a literatura pós-64* (Editora Horizonte). E-mail: joseanap@gmail.com